

APONTAMENTOS SOBRE CIDADE LIVRE:
SENTIDOS DA NÃO-MORTE DE VALDIVINO

Gabriela Hoffmann Lopes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Juracy Assmann Saraiva

Universidade Feevale

Resumo: Cidade Livre, romance de João Almino (2010), registra a construção de Brasília, desde o momento inicial até sua inauguração. Parte de dados factuais para compor uma narração em que a reconstituição do acontecimento real funde-se com o poder da imaginação de inúmeros narradores. O esfacelamento entre o âmbito do real e o da ficção soma-se à ruptura da sequencialidade da história e dos paradigmas convencionais de uma narração e à incompletude da história, que deve ser organizada e preenchida pelo leitor. O presente artigo parte dessa constatação e analisa a provável e não esclarecida morte da personagem messiânica, Valdivino, vinculando os sentidos dessa morte à intersecção entre literatura, memória e identidade e ao desaparecimento, na Amazônia, do Coronel Percy Fawcett, com o intuito de demonstrar a força do imaginário coletivo e sua manifestação na literatura.

Palavras-chave: Cidade Livre; Narrativa; Ficção; História.

Abstract: *Free City* – a novel written by João Almino (2010) – features the making of Brasília, from its initial stage to its inauguration. It draws on factual data to develop a narrative in which the reconstruction of the real event merges with the power of imagination of countless narrators. The fragmenting between the realm of the real and that of fiction adds to the rupture of the sequence

of the story and the conventional paradigms of a narration and the incompleteness of the story, which must be reorganized and fulfilled by the reader. This essay starts from this observation and discusses the probable and unclarified death of the messianic character, Valdivino, by linking the meanings of his death to the intersection between literature, memory and identity and the disappearance, in the Amazon, of Colonel Percy Fawcett. By doing so, the article illustrates the strength of the collective imagination and its appearance in literature.

Key-words: *Free City*; Narrative; Fiction; History.

No dia da morte de Valdivino, se é que de fato morreu, [...] que pela primeira vez pensei em ser jornalista e em escrever sobre os tempos da Cidade Livre, e foi de uma vontade [...], de um vento e de uma força, que as palavras com as quais pude rememorar aqueles tempos foram surgindo, uma a uma, [...] da incerteza, da ignorância, da dívida, da culpa, daquilo que nos falta. Eu não queria dizer nada, pois a memória nada quer dizer, apenas diz em meio ao esquecimento e ao que procura ocultar, e por isso, não há o que interpretar - as palavras, como as lembranças, são o que são e nada mais.

João Almino, *Cidade Livre*

Introdução

A narrativa de *Cidade Livre*, premiado romance de João Almino¹, publicado em 2010, registra a construção de Brasília, desde o momento inicial até sua inauguração. Parte, pois, de dados factuais para compor os elementos próprios a uma narração em que a reconstituição do acontecimento real funde-se com o poder da imaginação de inúmeros

¹ Em 2011, o romance *Cidade Livre* recebeu o 7º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura e foi finalista do Prêmio Jabuti e do Prêmio Portugal-Telecom.

narradores. O esfacelamento das fronteiras entre o âmbito do real e o da ficção soma-se à ruptura da sequencialidade da história e dos paradigmas convencionais de uma narração. Dessa forma, a história deve ser organizada e preenchida pelo leitor, que se defronta, ainda, com uma reflexão sobre a dinâmica do ato de narrar, cujas alternativas são múltiplas e cuja incompletude se expõe em *Cidade Livre*.

Esse pressuposto orienta o presente ensaio, que traz contribuições para a elucidação de um dos eventos paralelos ao da construção da capital federal, qual seja, o da provável e não esclarecida morte de Valdivino. Para tanto, vinculam-se sentidos da morte dessa personagem à intersecção entre literatura, memória e identidade, conjugando quatro ângulos de análise: a constituição do romance e o desaparecimento do candango, bem como as incertezas que o envolvem; a ficcionalização da história a partir da narrativa da construção de Brasília e de sua relação com a morte de Valdivino; a presença de elementos messiânicos que constituem a identidade da personagem. Por último, relaciona-se o sumiço de Valdivino com o desaparecimento de Percy Fawcett – acontecimento histórico – a partir de ligação sugerida pela própria narrativa, com o intuito de demonstrar a força do imaginário coletivo e sua manifestação na literatura.

1 Convergência de eventos e centralidade do leitor

Em *Cidade Livre*, é possível identificar a fusão de, ao menos, duas grandes narrativas: a da vida do narrador, a qual envolve acontecimentos que giram em torno dele e de sua família, e a narrativa acerca do processo de construção de Brasília, a qual traz um recorte da história da vida pública brasileira. Embora pareça ser apenas o cenário onde transcorrem os eventos da vida pessoal do narrador, o acontecimento histórico ganha uma importância inquestionável, pois ambas as narrativas se cruzam, se complementam e compartilham sentidos.

O narrador do romance² identifica-se como João, ou “JA”, e discorre, nos primeiros capítulos, sobre sua vida privada: a infância, o desastre fatal sofrido pelos pais que o

² Para um estudo sobre o narrador de *Cidade Livre*, ler o artigo de Saraiva e Mügge (2016). Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/25090/14490>>. Acesso em: 10. nov. 2019.

deixaram órfão quando tinha seis anos de idade e sua posterior adoção pelo médico Moacyr Ribeiro. Moacyr, junto com a tia Francisca, com a tia Matilde e com JA, ainda criança, muda-se para começar uma nova etapa de vida na Cidade Livre, espécie de cidade-berço da capital brasileira e que abrigava os operários, construtores de Brasília. Moacyr e JA conhecem Valdivino de forma inusitada, à noite, em meio a uma caçada, e a família do narrador passa a conviver com ele intensamente por alguns anos, até o evento de seu sumiço e provável morte.

Valdivino é um migrante, vindo do Nordeste do Brasil para Brasília com a intenção de ajudar a erguer a capital federal. É descrito pelo narrador da seguinte forma: “De uma simplicidade tosca, com um chapéu grande demais para sua cabeça pequena, [...] conversador, parece inteligente [...], mas se atrai minha atenção, é por sua fragilidade” (ALMINO, 2010: 25-26). Segundo tia Francisca, trata-se de “um menino bonito, simpático, bem-educado”, que inspira ternura, demonstra inteligência e simplicidade e que “aprende as coisas com facilidade” (ALMINO, 2010: 96). Embora Moacyr e tia Matilde não sejam da mesma opinião, todos concordam que Valdivino é um rapaz sincero, que evita discórdias a todo custo e tem em si o desejo de sempre fazer tudo certo. Essas características da personagem estão inscritas no próprio nome – Valdivino –, cuja etimologia reúne os valores de ousadia, destemor, audácia e amizade³. Todavia, as palavras do próprio narrador incutem certo mistério em relação a Valdivino e apontam para a subjetividade das percepções:

Ninguém conhece ninguém na sua totalidade, a gente vai formando em nossa cabeça o retrato impressionista dos outros com elementos aqui e ali, mas o quadro pode mudar quando enxergamos outro ângulo, pois pintado pelo nosso próprio pensamento. Conhecíamos e não conhecíamos Valdivino. Eu conhecia e não conhecia papai. (ALMINO, 2010: 230)

³ “Tem origem no nome germânico *Baldavin*, *Balduíno* em português, o mesmo que *Valdivino*, cujo significado é o resultado da junção dos elementos *balt*, que tem o sentido de ousado, destemido, audaz e *win*, que tem o sentido de amigo, de modo que Valdivino significa amigo ousado, amigo destemido, amigo audaz.” Disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/valdivino/>>. Acesso em: 10 de fev. de 2020.

A possível morte de Valdivino motiva o narrador a contar a história de sua própria vida. Repleto de incertezas, o misterioso evento o perturba, obrigando-o a retornar inúmeras vezes a ele ao longo de seu discurso, assombrado pela possibilidade de haver algum tipo de responsabilidade do pai no funesto episódio: “É que ele não está morto, ninguém o matou, papai me respondia, está apenas viajando ou dormindo, como Íris disse” (ALMINO, 2010: 27). São essas incertezas que prendem o leitor à narrativa e, confirmando o princípio de Bloom (2001: 21) de que “para ler bem é preciso ser inventor”, levam-no a se interrogar: Valdivino morreu de fato? Ele foi morto intencionalmente ou foi um acidente? Quem teria feito isso e por quê? No caso de ele não ter morrido, como explicar seu desaparecimento? O pai adotivo de JA, Moacyr, teria alguma culpa, como o filho chega a suspeitar? O leitor coloca, então, em funcionamento os apelos do texto, “mecanismo preguiçoso” (ECO, 2012: 37), e busca não apenas os ditos, mas também os não-ditos em *Cidade Livre*. Sob esse ângulo, o incidente em torno de Valdivino passa a ser percebido como núcleo centralizador da narrativa, ainda que não apague a importância da inauguração de Brasília e da vida do narrador.

2 Ficcionalização da História

A ideia de transferir a capital brasileira do Rio de Janeiro para o interior da nação já fora incluída entre as prioridades nacionais em 1823 e passara por diversas fases ao longo da história do Brasil, até que tomou forma sob a liderança de Juscelino Kubitschek, que presidiu o país entre 1956 e 1960⁴. A construção de uma cidade a partir do nada, no deserto que caracterizava o Planalto Central brasileiro (Figuras 1 e 2), é o evento histórico apresentado pelo narrador, que mistura suas próprias memórias às do pai, das tias, de Valdivino e de outras personagens, como Íris Quelemém e, até mesmo, às dos leitores do *blog* em que o livro, vicariamente, é publicado. Portanto, *Cidade Livre* conjuga seu valor estético a uma função documental e, como representação coletiva de uma determinada

⁴ Fonte das informações e das Figuras 1 e 2: Construção de Brasília. *Memorial da democracia*. Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/construcao-de-brasil>>. Acesso em: 30 de nov. 2019.

época, torna-se “uma forma de conhecimento” (CHIAPPINI, 2000: p.24) que ensina a ler o real.

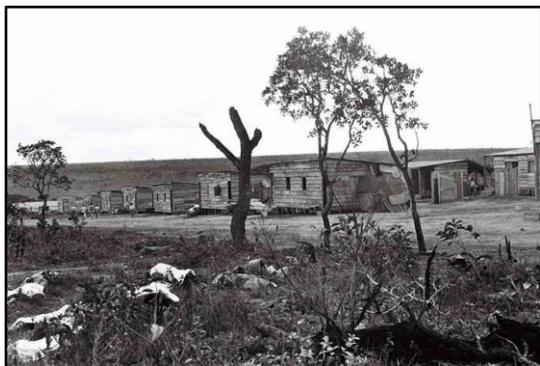


Figura 1 - A “Cidade Livre”, em 1957
Fonte: *Arquivo Público do DF*.



Figura 2 - Construção da Esplanada dos Ministérios
Fonte: *Arquivo Público do DF*.

A relação entre a construção de Brasília e Cidade Livre é elucidada por dados factuais, visto que, em 1956, essa

[...] foi fundada pela NOVACAP I com o principal objetivo de atender aos trabalhadores da construção civil. Era o ponto de chegada onde os migrantes se instalavam. Os lotes eram cedidos em regime de comodato por quatro anos, e os comércios não pagavam impostos. Assim, a Cidade Livre tornou-se referência para o comércio de Brasília. O crescimento rápido fez com que em pouco tempo surgissem hotéis, agências bancárias e companhias de aviação onde [sic] foi destinado para ser a cidade-dormitório dos candangos. Está incluída na Região Metropolitana de Brasília [...desde 1964] e [...o núcleo] passou a ser chamado Núcleo Bandeirante – o primeiro nome escolhido para a cidade. (SOUZA, 2019: *online*)

O romance de Almino confirma os relatos históricos, informando que a Cidade Livre atraiu gente de todo o Brasil, predominantemente mineiros e nordestinos, com a intenção de trabalhar ou, simplesmente, de encontrar uma oportunidade de sobrevivência ou de enriquecimento. “Quando os novos candangos não podiam morar com suas famílias nos acampamentos das obras, vinham para as áreas comerciais, dominadas por árabes e nordestinos, ou para as invasões que foram surgindo” (ALMINO, 2010: 43). A literatura, portanto, é uma forma de conhecimento que se constitui por meio da ficção, mediação necessária e útil para que o leitor possa se aproximar da verdade (CHIAPPINI, 2000: 25).

A interdependência entre o romance *Cidade Livre* e a história da construção da capital federal torna-se mais eloquente quando a provável morte de Valdivino – candango que veio da Bahia especialmente para construir Brasília –, é vinculada à destruição do núcleo habitacional onde residiam os operários, prevista desde sua fundação. Ou seja, depois de inaugurada a capital federal, o Núcleo – a Cidade Livre – passa a ser desnecessário, assim como desnecessária era a presença dos trabalhadores, que, por conseguinte, poderiam sumir, deixar de existir. Dessa forma, a morte de Valdivino pode ser concebida como metáfora da extinção da Cidade Livre, interpretação que a narrativa sublinha, ao explicar a forma de ocupação desse espaço da urbe:

[...] os lotes eram distribuídos em regime de comodato e, como a escritura não era definitiva, deveriam ser devolvidas à Novacap no final de 1959; [...] não se davam alvarás para residências, *que deveriam ser destruídas quando Brasília fosse inaugurada - primeira cidade descartável, a Cidade Livre era construída para ser destruída.* (ALMINO, 2010: 43, grifo nosso)

3 Messianismo e identidade

Na tarde de 20 de abril de 1960, iniciaram os ritos de inauguração de Brasília, com a entrega da chave da cidade a Juscelino Kubitschek, momento que foi sucedido pela celebração de uma missa solene, à zero hora do dia 21. A inauguração é marcada pela presença de símbolos profanos e religiosos que, integrados à narrativa, conotam o destino da classe operária, que Valdivino representa, e prenunciam seu destino de vítima inocente. A entrega da chave simboliza a transferência do poder dos operários, executores da monumental obra, aos que dela viriam a usufruir, e a exclusão da força de trabalho sitiada nos limites da Cidade Livre. A Cruz de Ferro, trazida de Braga, Portugal, que fizera parte da primeira missa rezada no Brasil, em 22 de abril de 1500 (Figura 3); o sino da Capela do Padre Faria, que dobrara pela morte de Tiradentes, em 21 de abril de 1792 (Figura 4); a peça de Mozart, *A Missa da Coroação*, que exalta o *Agnus Dei*, o cordeiro que deve ser imolado; a exposição da hóstia, perante a qual os espectadores se curvam em comunhão, são elementos que, abstraídos do evento real e referidos no âmbito da ficção, impregnam sua simbologia com novos sentidos e passam a indiciar o sacrifício vindouro da personagem Valdivino, o construtor de catedrais.

A cruz presentifica, para os cristãos, o próprio Cristo e seu suplício, e o *Agnus Dei*⁵, canto final da missa da inauguração, é mais uma referência ao Salvador, cujo corpo, simbolizado no pão e consumido pelos discípulos antes da crucificação, na Última Ceia, se concretiza na hóstia, durante o rito da consagração. O sino, por sua vez, badala quando algo memorável ocorre, acompanhando “toda a existência humana” (CASCUDO, 2002: 638). Na cena da inauguração de Brasília, o ressoar do sino projeta um sentido ambivalente: ele presentifica a morte do herói nacional, Tiradentes, cuja execução no cadafalso foi marcada por sua lúgubre sonoridade, e acentua a importância do momento, que assinala a autoafirmação da pátria no contexto das nações. Portanto, o sino e os outros objetos que sublinham o peso da tradição remetem à ideia de identidade e sugerem, por um lado, aniquilação e morte e, por outro, exaltação e vida. Paralelamente, em sua convergência, os símbolos transferem para Valdivino a imagem de um messias e instalam um mistério, sustentado por convicções coletivas.



Figura 3 - A Cruz de Braga (MG)
Fonte: *Internet*⁶.



Figura 4 - O sino da Capela de Padre Faria, Ouro Preto (MG)
Fonte: *Internet*⁷.

⁵ *Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, miserere nobis. / Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, dona nobis pacem.* Em tradução: Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós./ Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, dai-nos a paz. Em celebrações religiosas cristãs, o *Agnus Dei*, ou Cordeiro de Deus, é entoado para rememorar o sacrifício de Jesus Cristo para salvar a humanidade.

⁶ Imagem encontrada em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc25049917.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

⁷ Disponível em: <<http://www.sinosecampanarios.com.br/dadosinteres.aspx>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

O reforço do caráter messiânico de Valdivino se faz igualmente presente na constituição da cena que sucede ao momento da celebração missa: a execução do hino nacional e a significação dos versos, coletivamente entoados, “*Em teu seio, ó liberdade, desafia o nosso peito a própria morte! / Verás que um filho teu não foge à luta, nem teme, quem te adora, a própria morte*”⁸, bem como a repentina iluminação pública de pontos significativos da cidade invocam mais uma vez a coragem do indivíduo, sua morte iminente e a superação que ela representa. Além disso, essa sequência de acontecimentos festivos provoca uma comoção geral que faz toda a multidão presente no ato se abraçar e chorar, contagiando até mesmo o presidente da República (cf. ALMINO, 2010: 77). Imediatamente depois desse prenúncio transcendental e catártico, Valdivino é arrancado raivosamente do núcleo familiar de JA por uma mulher decidida e nunca mais é visto por eles.

A indefinição acerca da morte de Valdivino, ou de sua não-morte, é mais um elemento que aproxima a personagem de um mito messiânico. O corpo de Cristo desaparece, segundo a versão bíblica, para sua posterior ressurreição; o corpo do candango, também não se deteriora, de acordo com o relato de Moacyr, que, por ser médico de profissão, é chamado às pressas ao Jardim da Salvação no dia do incidente, 22 de abril de 1960, e vê o amigo inerte, parecendo estar morto. O próprio Moacyr não garante ao leitor a certeza da morte, e a versão de Íris Quelemém, apresentada pelo narrador, reforça a ideia de perenidade: “Valdivino nunca morreu” (ALMINO, 2010: 24); “Ele é um santo [...]”. Nunca vai apodrecer, vaticinou, e mais tarde espalhou que Valdivino ressuscitara, estava vivo, embora papai nem ninguém lá em casa nunca mais o tivesse visto” (ALMINO, 2010: 30).

Outro ponto impreciso da narrativa é o suposto assassinato do candango e a impossibilidade de definir sua autoria: “a temida Guarda Especial de Brasília, [...], podia ter sido a responsável pela morte de Valdivino, se era que de fato Valdivino estava morto” (ALMINO, 2010: 52). Além disso, Valdivino, poderia ter sido morto por um policial ou por um coronel a quem ele devia ou, ainda, pelo pai da moça a quem ele engravidara

⁸ Trecho do Hino Nacional, retirado de <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/hino.htm>. Acesso em: 12 dez. 2019.

(ALMINO, 2010: 195). JA transpõe uma afirmação de Valdivino que reforça o mistério que ronda o leitor: “É que o cabra já anunciou para todo mundo, quer mesmo me matar, e *não é o único*” (ALMINO, 2010: 76, grifo nosso). O próprio Moacyr é, muitas vezes, colocado como suspeito do homicídio aos olhos do narrador, e ele mesmo, JA, também já se sente como o “assassino de Valdivino, um assassino sem remorso” (ALMINO, 2010: 232).

A busca pela verdade, pela definição das incertezas, é o que guia incessantemente o leitor e o leva invariavelmente de volta à ficção, em concordância com o que diz Gustavo Krause:

Ora, se não sabe tudo, nunca se sabe se se sabe algo. Se não se percorreu todo o caminho, não se pode saber quanto falta para se chegar lá. Em consequência, toda ciência não é mais do que um conjunto de aproximações à realidade, aproximações das quais não se pode determinar o valor preciso. Cada aproximação é uma suposição; cada suposição, uma ficção necessária. (KRAUSE, 2010: 18)

4 A cidade perdida de Z, Percy Fawcett e o imaginário popular

No romance de Almino, o leitor estabelece uma linha difusa entre o real, o fictício e o imaginário, por meio das menções à cidade perdida de Z e à figura de Percy Fawcett. Em termos gerais, o imaginário opõe-se ao que é real, verdadeiro; assemelha-se à ficção e carece de consistência e de realidade, seja ela econômica, política ou social (MAFFESOLI, 2001). Esse viés romântico, atribuído ao imaginário, baseia-se em uma tradição abandonada devido à dominação da filosofia racionalista, originária da França, que encontrou, posteriormente, em Gaston Bachelard e em Gilbert Durand uma continuação, ou melhor, uma reelaboração. As reflexões desses dois pensadores demonstram que as construções mentais podem ser eficazes na constituição do real concreto e que o real é acionado pelo imaginário e pelas construções do espírito. Nesse sentido, torna-se difícil isolar o real do imaginário e ignorar as fortes influências de um sobre o outro.

Wolfgang Iser (1999) afirma que fictício e o imaginário não são exclusivos da literatura. Eles são parte de experiências cotidianas e estão presentes na mentira, na ilusão, nos sonhos e devaneios e nas alucinações; eles conduzem os indivíduos para além dos

limites de sua situação ou dos limites de sua identidade. “Se dissermos que o fictício é intencional, porque é dirigido a alguma coisa [...] e o imaginário, espontâneo, só estaremos identificando suas formas de manifestação, o que permite uma distinção entre ambos, sem contudo explicar o que vêm a ser” (ISER, 1999: 67). O fictício e o imaginário não são, para Iser, uma condição para a literatura; ela é o resultado da interação entre ambos e sua estrutura reguladora é o jogo, estabelecido *com* e *para* o leitor. O imaginário que povoa *Cidade Livre* é vasto, como já foi referido, e sua evidência é sublinhada por meio da alusão à cidade perdida de Z, que, vinculada à (des)aventura de Percy Fawcett, a aproxima da busca do Eldorado⁹.

A primeira menção à cidade perdida de Z aparece em *Cidade Livre* quando Moacyr, novamente por intermédio da narrativa do filho, sugere que ele acredite na versão de Íris Quelemém, profetisa do Jardim da Salvação, segundo a qual Valdivino “não havia de fato morrido e talvez nunca viesse a morrer, sempre fora um insone e um sonâmbulo, ainda andava solto, caminhando dia e noite pela floresta, *em busca de Z, a cidade perdida*” (ALMINO, 2010: 26, grifo nosso). A cidade perdida de Z remete ao caso verídico do sumiço do Coronel britânico Percy Fawcett, que comoveu o Brasil em meados da década de 1920, e continuou posteriormente sendo um tema presente na imprensa e no imaginário coletivo nacional e internacional.

Em 1925, o internacionalmente famoso arqueólogo, cartógrafo e geógrafo, Percy Harisson Fawcett, aventurou-se, na companhia do filho Jack e de um amigo, na selva amazônica, em busca de uma civilização perdida. Depois do contato com os Kalapalo, povo indígena do Alto Xingu, os componentes da expedição nunca mais foram vistos. Antes de se embrenhar definitivamente na mata, Fawcett, que tinha trabalhado na demarcação das fronteiras entre o Brasil e a Bolívia, junto com Marechal Rondon, em 1909, fez um anúncio de seu interesse em jornais da época: “explorar a mesma região onde se imaginou, durante séculos, existir o ouro dos Martírios”. Os jornais também registraram “a forma hostil com que as ideias do coronel Percy H. Fawcett foi recebida [sic] por militares e jornais brasileiros” (RAMOS; ERTZOGUE, 2016: 89). Dezenas de tentativas infrutíferas de

⁹ Ver o verbete “Eldorado,” no *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas* (ESTEVES in BERND, 2006).

encontrar o Coronel e seus acompanhantes se sucederam ao evento, que nunca foi totalmente esclarecido.

Dessas tentativas, em diferentes décadas, resultaram muitas obras no campo literário brasileiro e estrangeiro, como as seguintes: “*A Verdadeira História de Indiana Jones*, de Hermes Leal (Geração Editorial, 1996); [...] *Z – a Cidade Perdida*, de David Grann (Companhia das Letras, 2009); [...] *Esqueleto na Lagoa Verde*, relato de Antonio Callado sobre sua viagem, em 1952, ao Xingu, local onde o inglês teria desaparecido” (ORICCHIO, 2010: *online*). Uma década depois do incidente, o jornalista brasileiro Edmar Morel publicou uma série de artigos sobre Fawcett¹⁰, pois “não acreditava nas motivações científicas do militar inglês; ele [Fawcett] estaria em busca de ouro, diamantes, outros minerais, em vez de relíquias arqueológicas”. Morel tentou desenvolver uma teoria segundo a qual Fawcett teria sobrevivido à expedição e gerado descendência com uma nativa indígena (Figura 5). O livro *Exploração Fawcett*, de 1953, que consiste em um diário de Fawcett, organizado por outro filho do Coronel, Brian, “logo se tornou best-seller – menos no Brasil –, [e] permitiu uma leitura menos enviesada de Fawcett; suas ideias foram reavaliadas, sobretudo entre os interessados na pré-história da região amazônica” (RAMOS; ERTZOGUE, 2016: 91).

Continuaram, desde então, e continuam até a atualidade a serem produzidas reportagens, documentários e filmes sobre o tema. Em versão mais recente, uma peça de teatro de 2004, o diretor de televisão e teatro, Misha Williams, afirma ter estudado documentos privados de Fawcett e acredita que o explorador nunca teve a intenção de voltar de sua última expedição. O real objetivo do descobridor britânico seria o de fundar na selva uma comunidade baseada em princípios do movimento teosófico¹¹, ou seja, formar um núcleo da fraternidade universal da humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor, encorajar o estudo de Religião Comparada, Filosofia e Ciência e investigar as

¹⁰ Um dos artigos de Morel pode ser lido em *O Cruzeiro*: Revista (RJ) - 1928 a 1985. Ano 1947, Ed. 11. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&PagFis=52647&Pesq=%22percy%20fawcett%22>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

¹¹ Ver notícia publicada no jornal britânico *The Observer*: “Veil lifts on jungle mystery of the colonel who vanished”, de Vanessa Thorpe, publicada em 21 de março de 2004. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/uk/2004/mar/21/research.brazil>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

leis não explicadas da natureza e os poderes latentes no homem. A Sociedade Teosófica no Brasil, cujo lema é “Não há religião superior à Verdade”, prega o amplo princípio humanitário da fraternidade universal¹².

Essa versão mística e igualmente misteriosa do desaparecimento de Percy Fawcett encontra eco no trecho do romance *Cidade Livre*, quando o próprio Valdivino explica a Moacyr o que vem a ser a cidade de Z:

Pois é uma cidade perdida aqui por essa região, na direção do Araguaia, num lugar onde houve uma grande civilização, e o explorador que veio procurar essa cidade parece que fundou uma comunidade teosófica onde, como na nossa, se tem respeito por todas as religiões, um dia ainda encontro essa cidade perdida. (ALMINO, 2010: 92)

A veracidade dessa versão ou de qualquer uma das soluções encontradas para o desaparecimento de Fawcett, como, por exemplo, a de seu assassinato pelos indígenas Kalapalo, não está aqui em questão, pois as histórias podem ser múltiplas, conforme forem múltiplos seus contadores (JENKINS, 2001: 31). Ao aproximar a história verídica do desaparecimento de Fawcett do misterioso destino de Valdivino, a narrativa de *Cidade Livre* acrescenta nova hipótese ao que poderia ter ocorrido com o candango e reforça as bases da criação ficcional: “Assim como é necessário uma referência absoluta para se estabelecer uma relação, o real continua necessário para que a ficção se construa a partir dele ou contra ele” (KRAUSE, 2010: 15).

Portanto,

O desaparecimento misterioso de pesquisadores que partem em busca do ancestral reino [de Eldorado] apenas contribui para manter vivo o mito, e não é difícil encontrar historiadores ou antropólogos contemporâneos tentando provar que o fantástico reino onde estaria o lago do ouro continua perdido em algum misterioso ponto do coração da floresta amazônica. (ESTEVES in BERND, 2006:238).

Evidencia-se, pois, a importância do imaginário popular, coletivo, para a manutenção da literatura, pois ele a alimenta, ao mesmo tempo em que é alimentado por ela. Nas palavras de Maffesoli, baseado em reflexões de Durand, o imaginário tem algo de imponderável; configura-se em uma espécie de aura, atmosfera, formada por imagens,

¹² A fonte dessas informações é o site da Sociedade Teosófica no Brasil. Disponível em: <<http://www.sociedadeteosofica.org.br/index.php/sociedade-teosofica/a-sociedade-teosofica>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

lembranças, experiências. Por ser algo que “envolve e ultrapassa a obra” (MAFFESOLI, 2001: 75), o imaginário está além das próprias obras culturais. Nesse sentido, a cultura, representada aqui pela literatura, contém uma parte do imaginário, mas não se reduz a ele; da mesma forma, o imaginário não se reduz à cultura, pois tem autonomia e algo de não-racionalizável. Ao afirmar que só existe imaginário coletivo, em detrimento de um individual, Maffesoli reforça o vínculo existente entre cultura e imaginário e enfatiza o caráter invariavelmente interacional desse: “o imaginário é a cultura de um grupo” (2001: 76). Dessa forma, a relação entre “real - fictício - imaginário” está presente no cerne da própria definição de literatura e concretiza-se no romance *Cidade Livre*.

Considerações finais

Novos questionamentos enredam o leitor ao término da leitura do romance de João Almino: Valdivino foi morto por que se aproximou da descoberta de sua identidade e da de Íris, possível namorada e também mãe? Valdivino não foi morto, apenas tomou um rumo incerto, seguindo sua vocação de construir catedrais? A morte/vida do baiano nasce do mito da existência de heróis em lugares perdidos, no interior do Brasil? As conjecturas se sobrepõem umas às outras, mas, diante delas, impõe-se a resposta que é dada pelo pai ao próprio narrador: “E por que você quer resolver esse problema?, nem todo problema tem solução [...]. Nosso passado se esconde atrás de muros impenetráveis e se revela ao acaso, aqui e ali, quando o evocamos por meio de um indício, de uma palavra, [...] de um detalhe qualquer” (ALMINO, 2010: 232). As palavras proferidas pelo pai, em sua derradeira hora, não respondem aos questionamentos do leitor sobre o ignorado destino do candango, nem a quaisquer outras questões surgidas ao longo da leitura. Elas jogam o leitor em um labirinto sem fim e o convidam a uma releitura da narrativa, em busca de palavras escondidas, de detalhes despercebidos.

Cidade Livre é, portanto, um romance que está apto a inscrever-se na memória do leitor como parte das obras que “servem a um prazer produtivo e ativo”, que enriquecem e desafiam “a imaginação e a inteligência” (CHIAPPINI, 2000: 22). Sua leitura incita o prazer, pois desafia o leitor a preencher lacunas de sentido e confirma o preceito de Bloom

(2001) segundo o qual os melhores livros são aqueles em que o receptor encontra algo que lhe diz respeito, algo que pode ser utilizado como base para avaliar e refletir e que parece ser fruto de uma natureza semelhante à sua.

A epígrafe deste ensaio deixa evidente que a (não)morte de Valdivino é também definidora da identidade do próprio narrador, que vê, na oportunidade de contá-la, uma forma de trazer seus primeiros anos de vida à memória. Esse rememorar permite-lhe refletir sobre sua própria existência, passando pelo surgimento da capital federal durante sua infância, até a chegada à adolescência em meio a um ambiente conturbado, que ele tenta compreender na idade adulta. Nesse sentido, as palavras de Gustavo Krause tornam-se paradigmáticas: “A ficção é a instância absolutamente necessária não apenas ao conhecimento, mas à vida” (KRAUSE, 2010: 15).

A conexão entre textos e memórias em geral, evidenciada no romance de Almino, seja por meio da retomada do discurso histórico da construção de Brasília, seja pelo caso do Coronel Percy Fawcett ou pelas diferentes vozes presentes no discurso constituem, de acordo com Samoyault (2008), marca da própria literatura. Desse modo, as interrogações sobre a morte ou sobre a não-morte de Valdivino estabelecem a intersecção entre literatura, memória e identidade e, a partir da análise da constituição do romance, esclarecem o próprio fazer literário, que se alimenta do imaginário coletivo. Portanto, a literatura, além de falar da vida, fala também de si mesma, da história de sua produção e de suas origens. Cada texto constrói sua origem e se inscreve em sua própria genealogia. Literatura, identidade, memória e imaginário podem ser vistos, portanto, como elementos constitutivos uns dos outros e complementares entre si no universo da ficção.

Esse é o motivo por que a construção de *Cidade Livre* reúne dados factuais sobre a construção de Brasília, mistura a esses a memória de várias personagens que, em sua singular mescla identitária, desenham outra arquitetura para a cidade, mostrando-a em seus desvãos. É também a razão para que, a partir de uma morte anunciada, seja buscado um cadáver inexistente e, em meio à verdade ficcional, surja uma cidade ilusória escondida na selva. Interligam-se, assim, Valdivino e Percy Fawcett, ambos corpos inalcançáveis que determinam a relação semântica entre a cidade de Z e Brasília: uma e outra excluem de seu

espaço aqueles que as criaram, seja pela intervenção do mítico, seja pela superposição de tijolos.

TRABALHOS CITADOS

ALMINO, João. *Cidade livre*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

BLOOM, Harold. Prólogo: por que ler? In: _____. *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p.17 a 25.

ESTEVES, Antonio R. Eldorado. In: BERND, Zilá (Org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial/ Ed. da Universidade, 2007. p. 235-241.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2002.

CHIAPPINI, Ligia. Literatura e História. Notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos. In: _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo, 2000, v. 5. p.18-28.

ECO, Umberto. O leitor-modelo. In: _____. *Lector in fábula*. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 35-49.

ISER, Wolfgang. O fictício e o imaginário. In: ROCHA, Cezar de Castro (Org.). *Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999. p. 65- 77.

JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2001.

KRAUSE, Gustavo Bernardo. *O livro da metaficção*. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade (Entrevista). *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, n. 15, ago. 2001. Disponível em:
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123>>. Acesso em: 20 de fev. 2020.

ORICCHIO, Luís Zanin. O mistério do Coronel Fawcett. *Estadão Online*. 12 jun. 2010. Disponível em:
<<https://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-zanin/o-segredo-do-coronel-fawcett/>>. Acesso em: 07 de nov. 2019.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. São Paulo: Hucitec, 2008.

SARAIVA, Juracy Assmann; MÜGGE, Ernani. Cidade Livre: Reflexão metaficcional. *Letras*, Santa Maria, v. 26, n. 53, p. 199-214, jul./dez. 2016. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/25090>>. Acesso em: 10 de nov. 2019.

SOUZA, Karine. Verbete Fundação da cidade-satélite Núcleo Bandeirante (Cidade Livre). *Cronologia do pensamento urbanístico*. Disponível em:

<<http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbetes=1602>>. Acesso em: 10 de nov. 2019.

RAMOS, Dornival Venancio; ERTZOGUE, Marina Hainzenreder. “Temporariamente inacessível”: José Vieira Couto de Magalhães, Percy Harrison Fawcett e as racionalizações do Eldorado (1868–1925). *Revista de História Iberoamericana*, v. 9, n. 2, p.78-98, 2016. Disponível em:
<<https://revistahistoria.universia.net/article/view/2399/-temporariamente-inacessivel-jose-vieira-couto>>

Juracy Assmann Saraiva é doutora em Letras (PUCRS) e pós-doutora em Teoria Literária (UNICAMP). É professora em cursos de graduação e de pós-graduação da Universidade Feevale, situada no Rio Grande do Sul, e bolsista de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Suas pesquisas centram-se na obra de Machado de Assis e na metodologia do ensino de literatura.

Gabriela Hoffmann Lopes é licenciada em Letras - Português/Alemão (UNISINOS) e Mestre em Letras - Teoria Literária (PUCRS). É professora efetiva de Língua Alemã no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Suas pesquisas voltam-se para o ensino de literatura e o ensino de Alemão como língua estrangeira. Atualmente é Doutoranda em Processos e Manifestações Culturais na Universidade Feevale e bolsista CAPES.

Artigo recebido em 26/03/2020.

Aprovado em 26/03/2020.